

## **Prefácio à Segunda e Terceira Edição de *Visões da Natureza***

*Alexander von Humboldt*

Tradução de Carlos Alberto Gomes dos Santos.

A dupla direção deste trabalho (um cuidadoso esforço para aumentar a apreciação da natureza através de representações vivas, mas ao mesmo tempo, segundo o estado do conhecimento científico de então, incrementar a inspeção da interação harmoniosa das forças) foi descrita no prefácio à primeira edição, há quase meio século. Já se apontavam então vários obstáculos que se apresentam ao tratamento estético dos grandes cenários naturais. A combinação de um objetivo literário e de um objetivo puramente científico, o desejo de empregar a fantasia e ao mesmo tempo enriquecer a vida com idéias através do aumento do conhecimento tornam a disposição das partes isoladas e aquilo que se exige para a unidade de composição difíceis de alcançar. Apesar dessas condições desfavoráveis, o público sempre concedeu uma benevolência complacente à imperfeita execução da minha empresa.

Preparei a segunda edição de *Visões da Natureza* em Paris no ano de 1826. Duas composições: um “Ensaio sobre a Estrutura e o Modo de Ação dos Vulcões em Diferentes Regiões da Terra” e a “Força Vital ou o Gênio de Rodes”, foram então anexados pela primeira vez. Schiller, lembrando seus estudos de medicina na juventude, durante minha longa estada em Jena, gostava de se entreter comigo sobre assuntos fisiológicos. Meu trabalho sobre a disposição dos filamentos nervosos e musculares estimulados pelo contato com substâncias quimicamente diferentes

muitas vezes dava às nossas conversas um tom sério. Foi nessa época que surgiu o pequeno ensaio *A Força Vital*. A predileção que Schiller tinha pelo “Gênio de Rodes”, que ele registrou em sua revista *As Horas*, deu-me a coragem de publicá-lo novamente. Meu irmão, em uma carta recentemente publicada (*Carta de Wilhelm von Humboldt a uma amiga*, T. II, p. 39), aborda com sensibilidade o mesmo assunto, mas acrescenta pertinentemente: “O desenvolvimento de um conceito fisiológico é o objetivo de todo o ensaio. Amava-se, na época em que o mesmo foi escrito, mais do que se faria agora, essa envoltura semipoética das verdades sérias.”

Aos oitenta anos, tenho a alegria de completar ainda uma terceira edição de meu trabalho e reformulá-lo todo segundo as exigências dos tempos. Quase todas as explicações científicas foram complementadas ou substituídas por outras mais ricas em conteúdo. Quis com isso revitalizar o estudo da Natureza, de forma que no espaço mínimo os diversos resultados de uma observação minuciosa fossem condensados, a importância de dados numéricos mais exatos e sua comparação significativa entre si fossem reconhecidas e controladas quanto ao conhecimento superficial dogmático e o ceticismo nobre, que têm uma longa existência nos chamados círculos mais elevados da vida social.

A expedição que fiz em companhia de Ehrenberg e Gustav Rose, sob as ordens do Tzar da Rússia, no ano de 1829, ao Norte da Ásia (aos Urais, ao Altai e às margens do Mar Cáspio), ocorreu entre os períodos da 2ª e 3ª edição de meu livro. Contribuiu significativamente para o alargamento de minhas visões em todas as questões relativas à formação da superfície do solo, à direção das cadeias de montanhas, à inter-relação das estepes e desertos, à distribuição geográfica das plantas segundo as influências térmicas registradas. A ignorância, na qual se estive por muito tempo, quanto às duas grandes cadeias de montanhas nevadas entre o Altai e o Himalaia, quanto ao Thian-schan e ao Kuen-lun, obscureceu a geografia da Ásia Central com a injusta negligência de fontes chinesas e propagou fantasias como resultados de observação em trabalhos amplamente lidos. Há alguns meses,

importantes e retificadores avanços foram obtidos de forma quase inesperada com a comparação hipsométrica dos picos culminantes de ambos os continentes, informações que puderam ser transmitidas pela primeira vez no trabalho que se seguiu (v. I, p. 38). As determinações da altitude, livres de erros anteriores, de duas montanhas na parte leste da Cordilheira dos Andes da Bolívia, a Sorata e a Illimani, não tinham ainda atribuído com exatidão ao Chimborazo sua antiga posição entre as montanhas nevadas do Novo Continente, enquanto que no Himalaia, a nova medição trigonométrica do Kantschendschinga (26.438 pés parisienses – 8.586m) concedeu a esse pico o lugar imediatamente acima do Dhaulagiri (8.172m), igualmente medido de forma mais precisa com a trigonometria.

Para manter a uniformidade numérica com as duas edições anteriores de *Visões da Natureza*, a menos que se diga o contrário, os dados de temperatura neste trabalho são expressos em graus do termômetro de Réaumur (0° a 80°). A medida de pés é a francesa antiga, na qual a toesa equivale a 6 pés parisienses. As milhas são geográficas, 15 delas perfazendo um grau equatorial. As longitudes são calculadas a partir do primeiro meridiano do Observatório de Paris.

*Berlim, março de 1849.*